

ALBUM

Director, **ARTHUR AZEVEDO.**

Agente geral, **PAULA NEY.**

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26\$000 e 13\$000.— Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO : RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

DR. DOMINGOS FREIRE .	Paulo Augusto.
CHRONICA FLUMINENSE . . .	Marques Valente.
MARCHA FUNEBRE.	Emilio de Menezes.
UM DIARIO DE AMOR	Placido Junior.
O ALPHABETO	M. V.
CONTOS AMAZONICOS	Amarante.
FATALIDADE	J. de Moraes Silva.
THEATROS	V.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico do

DR. ANTONIO DIAS FERREIRA

DR. DOMINGOS FREIRE

O illustre brasileiro cujo retrato vem hoje honrar a galeria do *Album*, nasceu em São Christovam, nesta cidade do Rio de Janeiro, aos 5 de Novembro de 1849. E' filho legitimo de Domingos José Freire e de D. Lauriana Rosa Lucinda Freire.

Cursou o collegio D. Pedro II (Gymnasio Nacional), onde tomou o gráo de bacharel em lettras, matriculando-se em seguida na Faculdade de Medicina. Formou-se em 1869, aos vinte annos de idade.

Partio para a guerra do Paraguay como 2º cirurgião, e prestou relevantes serviços nos hospitais de sangue de Corrientes, Tuyuty, Tuyuecué e Paracué. Assistio ao cerco e á tomada de Humaytá. Entrou na expedição do Chaco, fazendo parte da vanguarda sob as ordens do glorioso Tiburcio, e assistio á batalha de Lomas Valentinas.

No hospital de sangue da villa do Rosario, onde tratava dos feridos d'essa batalha, soube que Lopez tinha sido morto em Aquidabán; no mesmo dia requereu permissão para voltar. Voltou com a patente de major.

Poucos mezes depois de chegar, em 1870, entrou em concurso na Faculdade de Medecina para um dos logares vagos de oppositor de sciencias phisicas e naturaes: obteve um d'esses logares.

Um anno depois, tendo vagado a cadeira de chimica organica, occupada pelo barão da Villa da Barra, inscreveu-se de novo em concurso, sendo escolhido. Ainda hoje occupa essa cadeira.

Mezes depois de nomeado lente cathedratico, a Faculdade de Medecina escolheu-o para ir á Europa aperfeiçoar-se no estudo da chimica organica e estudar os melhores methodes de medecina; os resultados d'essa commissão constam de seis magnificos relatorios, por elle apresentados.

Havendo tres vagas numa das secções da Escola Polytechnica, e tendo elle sido convidado para preencher interinamente uma d'ellas, inscreveu-se como candidato a essa vaga; foi classificado, mas, contra todas as regras do direito e da justiça, não o nomearam. Esse acto do Governo provocou por parte da mocidade de todas as escolas do Rio de Janeiro uma reacção, traduzida por esplendida manifestação ao Dr. Domingos Freire.

O nosso biographado leccionou, durante muitos annos, no Lyceu de Artes e Officios, chimica organica applicada á industria e ás artes. O seu curso foi sempre muito frequentado.

Desde 1874 é medico do hospital de Nossa Senhora da Saude, logar para o qual foi dispensado das provas de concurso por Zacharias de Góes e Vasconcellos, que era então provedor da Santa Casa de Misericordia, e o tinha em grande conta.

Representou o Brasil no Congresso Medico Internacional de Bruxellas, em 1876, ao qual apresentou um importante trabalho sobre o uso do estanho nos artefactos domesticos. Nesse Congresso occupou a presidencia de honra da secção de pharmacologia.

De 1883 a 1885 foi presidente da Junta de Hygiene Publica.

Em 1887 representou o Brasil no Congresso Medico Internaciõal de Washington, que o nomeou vice-presidente da sua secção de hygiene. Apresentou ahi um trabalho sobre a febre amarella e a

vaccinação, trabalho que mereceu do Congresso que este o recommendasse á attenção de todos os paizes. Antes d'essa viagem aos Estados-Unidos, o Dr. Domingos Freire tinha ido á Europa, por sua propria conta, afim de apresentar os seus trabalhos ao mundo seientifico.

Sobre a importancia d'esses trabalhos escusamos insistir; elles são universalmente conhecidos, e cercaram o nome de Domingos José Freire da uma aureola cuja irradiação será eterna.

Desde 1880 Domingos Freire se occupou especialmente da febre amarella, sobre a qual tem publicado nada menos de vinte obras. Os seus estudos, apezar da viva opposição que encontraram, o que aliás succede a todas as ideias novas, deram uma nova phase á pathologia, ao tratamento e á prophylaxia d'essa terrivel molestia. Entretanto, desde 1883 que Domingos Freire pratica a vacinação contra a febre amarella com autorisação do Governo, tendo já inoculado mais de dose mil pessoas com um resultado tão animador, que é para admirar não tenha o governo brasileiro dado o impulso necessario para a generalisação d'este meio preventivo de um flagello que tanto nos afflige, nos aterrorisa... e nos atrasa!

Benjamin Constant, quando membro do Governo Provisorio, deu a Domingos Freire a direcção de um Instituto Bacteriologico, destinado ao preparo da vaccina contra a febre amarella e ao estudo de outras molestias pestilenciaes. Até hoje não recebeu o Instituto a subvenção que lhe destinou aquelle patriota, e que o Congresso Nacional supprimio na sua ultima sessão. Vá o facto sem commentarios.

Entretanto, em 1887, quando Freire voltou da sua victoriosa viagem ao velho mundo, consagrado pelos principes da sciencia, as escolas superiores do Rio de Janeiro, Bahia e São Paulo reuniram-se e fizeram-lhe uma recepção estrondosa, seguida de uma sessão solemne no theatro D. Pedro II, durante a qual elle entregou a oito brasileiros escravizados as suas cartas de liberdade. O grande medico pedira que dessem essa applicação ao dinheiro destinado ás festas. Os briosos e entusiasmados estudantes libertaram os escravizados, mas não deixaram de fazer a festa, e conferiram ao Mestre uma grande medalha de ouro commemorativa.

Antes d'isso, na passagem do paquete pelo porto da Bahia, os professores e alumnos da Faculdade de Medecina d'essa cidade tinham ido a bordo receber-o, e, conduzindo-o á terra, dedicaram-lhe uma sessão solemne no edificio da mesma Faculdade, deram-lhe um grande banquete, e offereceram-lhe um riquissimo cartão de ouro, com dedicatoria.

Em 1890 partio Domingos Freire para Berlim, mandado pelo Governo, em companhia de outros collegas, afim de dar parecer sobre o tratamento da tuberculose pelo methodo Koch. N'aquella cidade, durante o tempo de sua commissão, expoz publicamente, diante das autoridades sanitarias da

Allemanha, entre as quaes se achava o professor Koch, o seu processo sobre conservação de carnes, tendo obtido grande *successo* as suas experiencias. Tambem aproveitou o ensejo para apresentar á Sociedade de Medecina Interna de Berlim, a convite do celebre professor Leyden, as suas investigações sobre a febre amarella, tendo sido entusiasticamente applaudida uma conferencia que fez a esse respeito. A Sociedade de Cremação tambem apresentou uma dissertação sobre as vantagens do systema crematorio, finda a qual offereceram-lhe um banquete, em que foi muito felicitado. A Sociedade de Cremação fel-o seu membro honorario.

Realizou ultimamente uma viagem á Republica Argentina, para o fim de demonstrar o seu processo de conservação de carnes perante a Associação Rural de Buenos-Ayres, que o approvou. A Sociedade Medica Argentina dedicou-lhe uma sessão, a que elle presidio honorificamente.

Actualmente, no impedimento do conselheiro Ladisláo Netto, occupa o logar de director geral do Museu Nacional.

Domingos Freire, além dos seus estudos celebres sobre a febre amarella, tem escripto mais de cem obras, comprehendendo theses, relatorios, compendios, monographias, memorias originaes sobre assumptos de chimica e medecina. Durante a guerra publicou interessantes estudos sobre os ferimentos por arma de fogo, e noticias clinicas sobre as molestias que reinam no Paraguay. Tem escripto sobre a natureza do cancer, cujo bacillo isolou; sobre o escorbuto, cuja origem microbiana iniciou; sobre a febre biliosa dos paizes quentes, na qual achou um bacillo causador da molestia; sobre a pereirina, cujo colorydrato introduzio na therapeutica; sobre o bromo, no qual achou um estado allotropico; sobre a jurubeba, na qual encontrou uma resina purgativa; sobre a fermentação das substancias gordurosas que mais tarde Van Fieghen confirmou, sem todavia citar o nome de Domingos Freire como autor da ideia; sobre o chena pentagonal da serie aromatica em chimica organica, hoje o ponto de origem de uma multidão de compostos que têm importancia na medecina e na industria, — e sobre muitas outras materias cuja numeração seria muito longa e enfadonha.

Domingos Freire é agraciado com o officialato da Rosa, o habito de Christo, a medalha geral da campanha de Buenos-Ayres, a medalha da Republica Argentina por serviços prestados na guerra, e a medalha de honra decretada pelo Conselho Geral da Guyana Franceza. Tem as honras de cirurgião-mór de brigada. E' membro da Academia Nacional de Medecina e Cirurgia do Rio de Janeiro e da Sociedade de Hygiene do Brasil, membro honorario da Sociedade de Cremação de Haya e da de Berlim, membro correspondente da Academia Nacional de Lima, do Circulo Medico Argentino, da Sociedade de Medecina do Buenos-Ayres, da Sociedade de Hygiene de Pariz, do Collegio Cirurgico de Philadel-

phia, da Academia Medico-Pharmaceutica de Barcelona, etc. Ultimamente foi nomeado membro do Congresso do Mundo em Chicago e official do governo dos Estados-Unidos.

Em 1890 Domingos Freire, que representava a ideia republicana no seio da Faculdade de Medecina do Rio de Janeiro, apresentou-se candidato á Constituinte. Teve uma bonita votação, mas não foi eleito: Ainda bem: Domingos Freire, o brasileiro illustre entre os mais illustres, não deve ser desviado do campo da Sciencia para o tremedal da Politica.

PAULO AUGUSTO.

CHRONICA FLUMINENSE

Velho amigo do Arthur Azevedo, não posso crer que houvesse propositalmente escolhido esta occasião para ir visitar a terra do vatapá para deixar-me a braços com a chronica de uma semana plethorica de factos, palpitante de interesse e de imprevisto.

Mas se de tão longe o não conhecera, palavra que o acreditaria.

Elle possui como ninguem a habilidade suprema, digamos o talento raro de despachar uma semana dessas com duas pennadas simples e promptas. E' de pasmar a facilidade com que caricatura num calimburgo os factos comicos, com que com uma phrase autopsia os heróes impantes de importancia e faz a psychologia do momento politico com um grão de bom senso e dois grammos de bom humor.

A mim, me falta esse tranquillo fundo de bonhomia e risinho optimismo, qualidades providas de um sangue calmo, de nervos disciplinados e de uma boa dose de experiencia da vida.

Deante de um runimol de factos graves, uns de escandalo, outros de magua, alguns de riso, perco logo as estribeiras da calma e da correcta impassibilidade do historiador que deve haver sempre no chronista e desato a bradar, a chorar, a rir, indignado, commovido, desopilado, envolto no tropel dos factos, atravez das tiras de papel, num turbilhão...

Ora isso não serve, maiormente no *Album*, folha ligeira, despretenciosa, sem outro escopo que fixar algumas physionomias graphicamente, physicas e moraes, e borboletear pelo jardim das letras, que é o de Armida, se o compararmos ao da Politica — que o é das hespeides... ou o Zoologico, ás vezes.

Por isso o melhor é não dar chronica... Mas isto de fazer chronica dizendo não fazel-a, é expediente obsoleto, é chapa ultra-velha e me envergonharia de recorrer-lhe ao prestimo.

Ha um meio de conciliar tudo: narrar sem comentar, referir sem dedusir.

*

A's numerosas variedades jogatinaes com que se diverte habitualmente a população desta capital veio juntar-se durante alguns dias uma outra, novissima: — apostar pela confirmação ou não confirmação do Dr. Barata no cargo de prefeito pelo Senado.

Foi um jogar desenfreado, que diminuiu de muito a renda das roletas, publicas e privadas. Ha muito tempo não viamos assumpto que tão viva e geralmente interessasse e entretivesse os espiritos.

Aliás, a causa é facillima de apprehender: a cidade em peso — vidas e propriedades — depende da escolha do cidadão que tem de occupar a Prefeitura.

E o Dr. Barata havia feito uma administração tão ruidosa, tão suggestiva de borrascas e discussões emquanto occupava interinamente o cargo, que o acto do senado de que dependia a effectivação ou annullação da escolha do chefe do Estado não podia deixar de pôr em polvorosa a gregos e trojanos.

O Sr. Dr. Barata, se é vaidoso, póde desvanecer-se de ter sido o seu nome o companheiro constante das refeições, das palestras, dos passeios e até do somno dos municipes. Durante alguns dias, era Barata no café, era Barata no pão com manteiga, era Barata no charuto, era Barata na conversa á porta das casas da moda, era Barata nos jornaes (então nos jornaes é que era Barata a valer!) era Barata no banho, era Barata no fundo do corredor, á esquerda, era Barata... em tudo! Era Barata de mais!

O Senado tanto comprehendeu isso que, misericordioso, *desbaratou*...-nos a todos e por uma vez, negando por 29 votos contra 16, a confirmação pedida pelo Sr. Vice-Presidente da Republica áquella nomeação.

Muito dinheiro se ganhou e, portanto, se perdeu em apostas.

Eu não perdi nem ganhei, porque não apostei e não apostei por haver a policia prohibido o jogo dos bichos.

*

Continuo a cada vez menos entender as cousas do Rio Grande do Sul. A minha opinião e a minha divisa a respeito dellas é curta, simples e italiana — *No capisco*.

Ao cabo de um quarto de hora de conversa com um castilista, sinto-me tremelicante de horror ante as atrocidades dos federalistas e rubro de indignação contra os seus planos e designios; mas se posso, acto continuo, a confabular com um federalista, o horror e a indignação fazem uma vira-volta completa, assentando-se contra os castilhistas.

Do que dizem os jornaes e os deputados tomei a sabia resolução de não acreditar em nada. Para mim o que estes dizem *não se escreve* e o que escrevem aquelles é como se fosse dito por estes.

E o peor—ou o melhor, talvez—é que não espero chegar a saber a verdade sobre essa apostema que arrebentou na parte meridional da Republica, inundando-a de sangue e pús e *desinundando* o Thesouro de notas.

E não o espero porque não será de certo para os meus dias que se restabelecerá, com a calma completa a verdade inteira dos factos para dar logar ao veredictum da historia.

Outrosim, não espero nada absolutamente das louvaveis tentativas do Congresso para encontrar uma solução digna de ambas as partes belligerantes, que faça ponto nessa epopeia de heroismos, de horrores e de vergonhas.

Tudo será inutil. A solução unica ha de ser dada pela propria força impulsional dos acontecimentos—por desgraça nossa.

*

Neste lugar faria o Arthur um trocadilho feliz ou teria um conceito justo e incisivo sobre essa caridade de nova especie—a dos que pedem para os que morrem e são feridos no Rio Grande do Sul... pertencentes ao campo federalista. A Politica tem decididamente cara para tudo. T'arrenégo!

*

Lá se perdeo no Mar Vermelho o *Almirante Barroso*.

Anda sem sorte a nossa Armada. Um anno, quasi dia por dia, após a perda do *Solimões*, a do *Barroso*, o mais brasileiro dos nossos cruzadores. Felizmente desta vez, pelas noticias até agora recebidas, a tripolação foi toda salva. Vão-se os aneis e fiquem os dedos... porque estes farão novos aneis.

*

Ruy Barbosa assumio a chefia da redacção do *Jornal do Brazil*, que se estava afundando tambem no mar morto da indiferença publica, e deu-lhe logo toda a vida que a pujança de seu enorme talento e o prestigio formidavel do seu nome communicam de subito, como por milagre—a tudo quanto toca, no mundo da intelligencia.

No redactor do *Jornal do Brazil* encontrámos e reconhecemos o mesmo grande jornalista do *Diario de Noticias*. Os trabalhos e provanças do governo não lhe tiraram á penna nem a rijesa adamantina do bico nem a levesa da emplumadura. Os seus artigos de reconstrucção não desinerecem dos seus cyclopicos artigos da phase demolidora. Applaudimos com palmas entusiasticas a volta do grande mestre ás lides gloriosamente exhaustivas da imprensa e a esta, como á patria, felicitamos por esse evento.

MARCOS VALENTE.

MARCHA FUNEBRE

III

Encerraram-te aqui as cinzas veneradas ;
Esta urna te contem, eternamente agora.
N'ella tambem existo, e as noites e alvoradas,
Passem, pouco me importa, ululando lá fóra:

Tenho-lhe a adoração das reliquias sagradas,
Pois este relicario onde o meu sonho mora,
Contém para a minh'alma as illusões passadas
E a pulverisação do teu perfil de outr'ora.

E'-me grato sentir, pelas noites sem termo,
Toda a apaziguação do meu tormento vario,
Tendo-te junto a mim a aclarar o meu ermo.

Tendo-te junto a mim, sob este alampadario,
E ver com que saudade e com que esforço enfermo,
Morre a luz em redor do teu incinerario...

EMILIO DE MENEZES.

UM DIARIO DE AMOR

A CICERO PEÇANHA

I

(Sob uma calma transparencia de luar)

Vio-me; vi-a. Era noite. O luar, claro, lactescente punha scintillações frescas de alvorada pelos caminhos.

Perdiam-se os ultimos rumores da vida no silencio aromado da noite, e ao longe o mar gemia acariciante, num murmurio tão leve, num espraiamento tão branco sobre a praia que eu jurei para mim que o mar tambem amava.

Entendeu-nos o céo, entendeu-nos, que eu bem senti nelle o profundo calor dos teus olhares!

E as estrellas? Ai que bellas, as estrellas que nos viam, arregalando o olhar, muito avidas, dessa avidéz de olhos que amam... como nos fitavam... como nos seguiam...

E tudo amava em redor de nós, a natureza inteira soletrava o beijo, porque á noite é que o beijo canta, á noite é que gorgeia a alma, é á noite que se ama...

II

(Entre visões de sonho)

...E eu soletrava o teu nome, que ainda não entendia; por elle vinha tua alma para junto da minha e eu te encontrava no meu sonho.



DR. DOMINGOS FREIRE

Não era mais a sombra do teu corpo, a nevoa da tua belleza o que eu via, era uma fórma perfeita de mulher divina, o corpo sem defeito, o olhar languido de uma humidade capiosa de vinho e o labio vermelho de um rubro desabrochar de papoulas.

E mais te adorava, e mais te queria e mais fundo sentia no peito a ancia desse amor que me arrastava n'uma força attrahente de abysmo...

III

(Sob a caricia olorosa de um jasmineiro em flor)

Muito unidos, olhares desfolhando um extase santo, sem fallar, com as almas enlaçadas, pairando muito longe, junto á grade do parque nos achámos. A noite desenrolada tinha segredos imperceptiveis. No alto, estrellas medrosas piscavam sobre nós os olhinhos accesos. Tremiamos.

Affecto por affecto, sonho por sonho trocámos em silencio, como se a minha alma fosse para o teu corpo e a tua viesse para o meu coração. O medo andava perto. As tuas mãos frias, mãos finas de jaspe polido com relevos em coral nas pontas, perdiam-se entre as minhas. O silencio fallava. O desejo gritava dentro de nós. N'um impeto beijámo-nos...

Fugiste. O jardim, pelas boccas das flores, preludiou sorrisos. Rosas e maguolias, invejosas de tua bocca beijada, fitavam-n'a com avidez. E eu supponho que ouvi do fundo de um canteiro, a vozinha mystica de um myosotis cheio de magua, dizer n'um soluço: « Ah! se eu pudesse beijal-a tambem »...

IV

(Por uma noite fria, de uma nostalgia immensa)

Que triste desabrochou hoje o dia!

O sol não veio alegre como sempre despertar as flores com seus beijos de luz.

Dia humido e pesado. Pelo céu de um azul muito brando morria a *nuance* pallida de uma nuvem tenuissima, de muito alva espuma, como uma illusão que se desfizesse.

E o dia, de nostalgico, me entristeceu...

A tua imagem tambem me apparecia triste. Vinhas pallida, muito pallida mesmo, olhares mortos, gesto indeciso e molle e por sob os olhos negros uns tons de violeta tingiam-te o rosto.

Eu bem sei o que sentias...

Foi o beijo, aquelle beijo da vespera, que andou pelo teu labio toda a noite, como tambem andou queimando a minha bocca. Foi elle que arrancou teu somno.. Maldicto... maldicto beijo...!

Como a mim, que me atormentou qual um assassino sequioso de sangue, foi tambem para a borda do teu macio leite, escondeu-se nas tuas pelles de marta e quando te sentio no conchego morno das coberturas alvissimas, sob a aza branca do corti-

nado, lá foi beijar-te a carne, beijar-te soffrego os cabellos, o collo recatado, as faces de setim, a bocca, a bocca polpuda e rubra.

E d'esse arrastamento do meu beijo pelo teu corpo, nasceu a pallidez com que me appareceste, esse olhar morto com que me fitaste, humido, de uma transparencia de crystal polido...

V

(N'um boudoir aromado a sandalo)

O nosso amor não cabe em nossas almas.

Cantamos. Vivemos como loucos num extase flexuoso de delicias.

Não quero mais o teu olhar, farta-me a tua bocca: quero o teu corpo, quero a tua vida.

Sei que minha serás, que cedo ou tarde, num cavatinoso modular de sonhos viveremos a vida feliz dos bons amantes.

Invade-me então, quando assim penso, a saudade do nosso primeiro olhar. Que delicia se voltassemos ao primeiro encontro!... Como é bom reler paginas lidas, como é santo pensar que aos primeiros passos no caminho nos detivemos com medo da jornada.

Agora para longe ao illusão. Tudo canta e sorri. Vamos sorrir tambem.

Pela estrada, onde flores esparsas aromam nossos passos, sigamos com os olhos na Esperança.

Os teus olhos que vejam pelos caminhos a felicidade branca dos sonhos felizes onde a amizade canta, como uma cotovia vibrando pelo céu o argentino frescor dos seus segredos.

E os meus olhos, pobres olhos sem luz de quem te adora muito, que pelos teus encontrem, n'esse calor purissimo que os banha, toda a calma alegria de um prazer eterno, cujas premissas já por elles descem na morna luz que os lava, eucharystica luz que me dá vida, accendendo o fogo da minha crença no sanctuario do meu Amor...

PLACIDO JUNIOR.

O ALPHABETO

(MONÓLOGO RECITADO PELO MENINO T., FILHO DO ESCRIPTOR M. V.)

Senhoras e senhores!

Oh! não se assustem, peço-lhes; porque sou ainda o menor dos oradores e só tenho uma carta — a do a, b, c. E olhem que me custou a conquistá-la! E' cousa bem difficil — o alphabeto! Da grammatica, oh! disso nem se falla! Nem fallarei tampouco: sou discreto.

*

Ora, imaginem Vossas Senhorias,
(ou antes: *Cid. idãos, imaginae!*)
que tortura passar dias e dias
a decorar o *oi*, o *ui* e o *ai!*
Que massada metter-se na cachola
tanto rabisco torto e pernilongo!
Chorei mais de uma vez por ir á escola
temendo os arreganhos do diphtongo!
Aprender a juntar as consoantes
ás vogaes para as syllabas formar;
as syllabas unir, por mais distantes,
e a palavra, por fim, pronunciar,
parece nada e é simplesmente o diabo!
(Peço perdão: retiro o diabo). Cabo
da *carta*, que fazia á gente horror,
deu, emfim, a Cartilha
de João de Deus, toda carinho e amor.
Felizmente na escola o sol já brilha.

*

O alphabeto, em resumo, é um cacete.
A taes cousas dizer o que me anima,
assim com ares graves de um Aulete,
é que eu agora... já sei ler... por cima.
Habilitado estou p'ra deputado,
ministro ou senador;
mas tenho, meus senhores, meditado
e quero, simplesmente, ser... pintor.
Já pinto o 7, a manta, a saracura,
por mim, sem professor!
A minha vocação é p'ra pintura.
Não sahi a *pap.ie*, que é litterato.
Vou retratar burguezes bochechudos.
Não ha que ver: atiro-me ao retrato.
Velhos commendadores barbaçudos,
meu pincel vos espera. Vou na tela
perpetuar-vos, rigidos e mudos,
com a *Viçosa* viçando na lapéla.
Treme, treme, oh! Petit!
E mais não disse. Fico por aqui.

M. V.

CONTOS AMAZONICOS

Não é, positivamente, como a Phenix, de mythologica memoria, a pobre litteratura indigena. Mas ha occasiões em que ella parece renascer das proprias cinzas.

O desmoronamento das antigas instituições abalava de alguma fórma a base sobre que a nascente litteratura firmava os primeiros passos, ou, o que é mais plausivel, o novo regimem, os enthusiasmos de momento, as novas idéas politicas, as novas crenças faziam-n'a esquecida ao ponto de se acreditar no seu aniquilamento precoce.

Emquanto entoavam hymnos ás instituições inauguradas, como que se ouvia resar o *Requiescat in pace* á morena virgem embalada, nos primeiros sonhos, ao rythmo das cascatas e á sombra das nossas florestas, robusta e esbelta como as mulheres viçosas das tribus mais fortes.

Fallava-se com saudade das esperanças que fugiam, das illusões que se apagavam. Não se avis-

tava uma geração que pudesse substituir essa que se affastava e que conseguira levantar de alguma forma a litteratura contemporanea, e o seu nome e os seus feitos iam sendo esquecidos, pouco e pouco.

Taes receios, porém, e os máus vaticinios vem de encontro ao facto que se observa e que data de um anno a esta parte. Os novos escriptores apparecem e apparecem os livros novos como um incentivo aos que depunham a penna desanimados e que agora erguem-se de novo para a luta.

Depois das *Festas Nacionaes*, entre outros livros, depois dos *Vultos e Factos*, appareceu-nos o elegante volume edictado pelos Srs. Laemmert & C., *Contos amazonicos*, do Dr. H. Inglez de Souza que usou por muito tempo, illustrando-o, o pseudonymo *Luíz Dolzani*.

Esse bello livrinho de duzentos e tantas paginas, escripto num estylo que agrada principalmente pela simplicidade, constitue mais uma valiosa recommendação para o nome de que muito justamente gosa o illustre litterato.

Contém a obra nove contos de um fino naturalismo, caracterisado pela escolha do vocabulario e que perfeitamente nos identifica com a vida e os costumes, aliás bem conhecidos pelo autor do livro, do extremo norte do Brasil.

O *Album*, noticiando a publicação desse livro, congratula-se com o estimado escriptor por mais esta victoria conquistada por sua penna.

AMARANTE.

FATALIDADE

Por que é que eu vim aqui, porque motivo
Se não que o coração assim queria,
E ella veio tambem; quem lhe diria
Que me chamava a força de attractivo?

Nada estava previsto, este incentivo
Natural, esta facil alegría,
Este ornato, este templo, este almo dia,
Quem creou co'um poder tão suggestivo?

Não parece que eu vim para encontral-a,
Sem p'ra mais nada ver, só para vel-a,
E amor com tanto amor que é adoral-a?

E agora cómo então hei-de esquecel a,
Se em toda parte a vejo e lhe ouço a falla,
E sinto mais que a mim mesmo querel-a?..

J. DE MORAES SILVA.

THEATROS

Hurrah pela Judic!

Temol-a na terra, a deliciosa e incomparavel *diseuse*, a deusa do *couplet* malicioso, a rainha do *vaudeville*.

Que mais dizer da Judic?

Ninguem ha que, de outiva ao menos, não saiba que ella é uma das celebridades parizienses mais legitimas e mais... antigas.

Oh! mil perdões! .. *Honny soit...*

A Judic estreitou-se com o vaudeville-opereta *Le brillant Achille*, musica do Varney, na noite de 24 do corrente. No proximo numero diremos mais de espaço sobre a *tournee* da grande comediante e a maneira porque o nosso publico se tem portado para com ella...e ella para com elle.

*

No theatro Apollo, após a *Tosca*, que foi um meio successo, e *Os jesuitas*, que foi um meio fiasco, representou a companhia dramatica portugueza do theatro Principe Real a ultima peça de D. José Echegaray *Mala raza*, traduzida por Afonso Gomes sob o titulo *De má raza*, e desta vez conseguiu um successo completo.

O que é o novo drama do eminente, do genial autor de *Gran Galeoto* não temos espaço para dizel-o, infelizmente, com o cuidado e o vagar que demanda obra de tão alto merecimento.

Ensaiaremos, entretanto, esboçar largamente a intriga ou urdidura da peça. *D. Visitação* e seu marido *D. Nicomédes* haviam recolhido e adoptado uma pobre arphã, a quem educaram com algum cuidado. Veio-lhes depois unia filha, que mandaram educar em Paris. Adelina, a orphã (*Amelia Vieira*) tivera por mãe uma *desgraçada* e, se dermos ouvidos ao que affirmam os velhos esposos, tambem a avóe a bisavó haviam tido brado d'armas nos batalhões de Cythéra. Eis ahi a *má raza* de que procedia a orphã. Era preciso impedir que se juntasse á menina, que estava a chegar do collegio parizienze, innocentinha e pura. Por isso resolveram tiral-a da casa, mandando-a para a do sabio Sr. D. Prudencio, velho amigo da casa e grande apologista das doutrinas physiologicas da hereditariedade.

Mas Adelina ama Carlos, filho de D. Anselmo, irmão de D. Visitação.

Carlos declara que ella não partirá e pede-a em casamento.

D. Anselmo reluta a principio, mas, por fim, consente no matrimonio. Assim termina o primeiro acto, que é primoroso, admiravelmente bem feito.

Casam-se e adoram-se. Agora está toda a familia a banhos em uma praia da moda. Alvaro ausenta-se em excursão eleitoral e em sua ausencia um terrivel acontecimento se realisa. Certa madrugada os banhistas madrugadores viram saltar

da janella do quarto em que dorme Adelina um homem que foi reconhecido ser D. Victor, marquez de Caracoles, ou cousa que o valha. D. Anselmo, o austerissimo velho, que, com sua mulher, morava na mesma casa em aposento contiguo, *tambem vira*. O escandalo foi enorme. Chega Carlos, alegre, radiante, victorioso: fora eleito deputado! E quando se atira aos braços da esposa, seu pae, cumprindo stoicamente um dever de honra, bradalle que Adelina era indigna de seu amor, porque o deshonorara. Conta-lhe tudo. Desespero de Carlos, que luta entre a confiança que tem em sua esposa e a que deposita na palavra e na honradez de seu pae. Interroga a esposa; ella nadasabe, nada vio... e chora... chora... quando reconhece que até seu marido, o seu unico amparo, della duvida e a maltrata e injuria com suspeitas infanantes. Carlos, vendo que ella não se justifica, vae, desvairado, louco, afogal-a entre suas mãos, que o desespero crispa, quando alguem se precipita, bradante. E' Paquita, segunda esposa de D. Anselmo e muito mais moça do que elle. E' Paquita, que declara que a culpada é ella, que o marquez estava occulto em seu quarto e que saltara pela janella do de Adelina porque D. Anselmo entrava naquella.

Carlos pede perdão á mulher e quando todos esperavam que elle a repudiasse, irado, vêm, pasmados, que elle a abraça e beija, proclamando-a innocente! Innocente, quando o facto delictuoso fora real, presenciado por tantas pessoas! O amor cegava de certo o esposo até fazel-o esquecer a honra.

Mas D. Anselmo é que não podia esquecel-a. Não se conforma á situação. Toda a gente chasqueia de seu filho e até as gazetas fazem *sueños* e anedoctas em que elle figura como um Dandin qualquer, dos *mansos*. Não, D. Anselmo, que não suspeita, sequer um instante, de sua mulher, não comprehende aquella situação e quer que ella tenha por força uma solução digna, compativel com as tradições de honra da familia. Por seu lado, Carlos debate-se em desespero entre as púas deste dilema: ou calar a verdade, para poupar seu pae, que a deshonor mataria, e cobrir-se com toda a lama que o crime de sua madrastra atirara ao seu nome e deixar que sua virtuosissima esposa passe por uma adultera impudente, ou revelar tudo e matar seu pae de dor e vergonha!

Comprehendendo que o marquez não devia viver, Carlos desafia-o e fere-o mortalmente.

A situação torna-se intoleravel.

Carlos sente que é uma crueldade, criminosa até, deixar que a calunnia inacúle assim o nome de Adelina, mácula que passará ao nome do filho que traz no ventre—ideia essa que horrorisa a pobre mãe, victimada pela tradição infamante da sua *má raza*. O marquez, sentindo-se proximo da morte, escreve a Paquita confessando-se o unico culpado e declarando-a innocente, e envia-lhe essa carta em sobrecarta endereçada a Adelina.

Mas D. Anselmo vê esta recebendo tal carta, sorprehende-a começando a lê-la, exige que lh'a entregue ou que a leia alto, acreditando sempre ser Adelina culpada e exultando por haver, finalmente, achado a prova da sua culpa. Chama o filho e diz-lhe que peça aquella carta á esposa... Com pasmo observa que, havendo esta lhe dito uma phrase (a phrase era esta: *E' de Victor para Paquita.*) Carlos immediatamente muda de aspecto e nada faz. Então o pae desvairado atira á face de Carlos um insulto horrivel perguntando-lhe, quando elle se refere ao nascituro filho, se está bem certo da sua paternidade. Carlos, como um louco, arranca a carta das mãos da esposa, que, preferindo sua deshonra á do pae de seu marido, não lh'a quer dar e entrega-a a D. Anselmo. Este lê, cambaleante, entra Paquita, vae a atirar-se sobre ella, o filho impede-o, declara que matara o marquez em duello e, como este confessava a innocencia de Paquita na carta, não ha motivo paranenhuma outra desgraça e cae o panno.

Eis o *canevas* desta peça extraordinaria. Mal sobe o panno para o primeiro acto, a pujança herculea do dramaturgo empolga a alma do espectador e até que o panno caia sobre a ultima phrase do ultimo acto, não a deixa mais, brinca com ella como um tigre com um coelho, atira-a de emoção em emoção, de mais forte em mais forte, de surpresa em surpresa, qual a mais bella e imprevisita. Mas tudo isso dentro de um circulo ferreo de logica e verosimilhança, dando aos caracteres um relevo enorme, fazendo os seus personagens agir impellidos pela corrente dos factos, de modo imprevisito ás vezes mas sempre explicavel pela gravidade das circumstancias ou originalidade dos caracteres.

Qual a these da peça? Não parece tel-a ao primeiro exame; e isso só lhe redundia em elogio, porque as peças de these são geralmente falsas. Mas tem-n'a inclusa, immanente na propria acção e é que a hereditariedade moral, se é um facto, uma verdade que a sciencia determinou, não se revela senão quando o meio lhe facilita a eclosão. Assim, Adelina, que é de indole meiga e boa, poderia vir a ser uma impura como sua mãe, se não amasse a um homem bom e honrado e não fosse amada por elle. Um amor verdadeiro e casto extingue o germen malefico da devassidão, porventura transmittido no sangue. Nada mais verdadeiro.

A peça *De má raça*, feito o desconto da *fougue* excessiva, propria do genio hespanhol, é um primor de pujança dramatica, singelesa de entrecho, logica de acção, desenho de caracteres e belleza de dialogo.

E', como talvez quasi todas as obras de Echegaray, um corollario do *Gran Galeoto*. A mola de *Mala raza* é ainda a calumnia, a horrivel força probante das meras apparencias, a caturreira imbecil da maioria, a imprudencia descuidosa dos bons.

Não tem a genial philosophia de *Gran Galeoto*, mas não lhe é inferior em vigor dramatico e belleza de situação. Numa palavra — *De má raça* é a peça de um dramaturgo em que ha tres partes de D'Ennery, duas de Shakespeare e uma de Calderon.

Quanto ao desempenho — foi digno da peça. Amelia Vieira revelou-se-nos mais uma vez em papel difficillimo e um pouco fora de suas cordas, — como se diz na gyria dos bastidores, — actriz sem rival na lingua portugueza para as peças de grande vigor dramatico. Dou por bem empregadas as lvas que rompi applaudindo-a. E' tempo que a nossa critica (?) dê a esta actriz o logar que lhe compete.

Alvaro tem em D. Carlos um de seus primeiros, talvez mesmo o seu primeiro papel. Echegaray abraçal-o-ia se visse a interpretação que lhe deu. Salazar não conseguiu dar ao typo de D. Anselmo a altivez senhoril e a fidalga probidade que o papel exige. Costa foi um perfeito D. Prudencio. D. Elvira deu-nos uma Paquita um pouquinho secca de mais, mas correcta. Gil e Margarida Lopes deram boa conta de seus papeis.

Agora só resta ao publico, que tanto applaudio o *Gran Galeoto*, mostrar que ainda é o mesmo, indo applaudir, em massa, o drama *De má raça*. *Tiens ! ça rime !*

*

Mais duas primeiras : — No Recreio Dramatico *O homem peixe*, comedia de Alexandre Bisson, recente successo pariziense, e no Polytheama pela companhia de que são empresarios E. Garrido & C. *A volta do mundo em 80 dias*.

Diremos dellas no proximo numero.

*

Nos demais theatros tudo velho.

V.

Aos nossos assignantes em debito rogamos encarecidamente que mandem satisfazer o preço das suas assignaturas.

O ALBUM, por emquanto, só é encontrado nos seguintes pontos de venda:

LIVRARIA LOMBAERTS, rua dos Ourives n. 7.

LIVRARIA ENCYCLOPEDICA de Fauchon e Comp., rua do Ouvidor n. 123.

LIVRARIA INTERNACIONAL, rua Nova do Ouvidor ns. 16 e 18.